



Michel Amazonas

FICA A DICA

Se você quiser viver essa experiência nos próximos anos, o conselho de quem entende é claro: comece a se planejar cedo. Os ingressos costumam esgotar em questão de minutos, a partir de dezembro ou janeiro.

Acompanhe as páginas oficiais nas redes sociais e não perca nenhuma atualização: <https://www.instagram.com/boigarantido/> e <https://www.instagram.com/boicaprichoso/>.

Acervo pessoal



As amigas Rayssa Muniz e Priscila Neves ficam em lados opostos no Bumbódromo

é muito sério. Até durante o espetáculo, quando um se apresenta, o outro só assiste. Existe esse código de conduta que não está escrito em lugar nenhum, mas que todo mundo entende."

Até mesmo as grandes marcas que patrocinam o festival se rendem. A Coca-Cola, parceira desde 1995, adapta sua identidade visual, abraçando o vermelho e o azul em homenagem aos bois. Outras empresas, como Bradesco, Santander e Azul Linhas Aéreas, também ajustam suas cores em respeito à festa.

As amigas Priscila Neves, 27, e Rayssa Muniz, 30, representam a rivalidade e, ao mesmo tempo, a convivência pacífica entre os bois. Rayssa, torcedora do Caprichoso, descreve a disputa entre os bois como saudável. "São raros os momentos em que você vai

ver alguma pessoa agressiva. Pequenas provocações são raras e vistas mais como brincadeiras do que agressões", avalia. Priscila, do Garantido, concorda, ressaltando que as provocações são para "zoar" e que o segredo é levar na boa, sem revidar. Para ambas, a disputa acontece na arena.

Sessenta anos de tradição

O Festival de Parintins nasceu em junho de 1965, organizado pela Juventude Alegre Católica (JAC), como uma celebração, movida pela fé e pela vontade de animar a comunidade local. Sessenta anos depois, o evento se transformou em um espetáculo de escala nacional e internacional, reconhecido pelas toadas, coreografias grandiosas e alegorias

que misturam tradição e inovação.

Foi a partir da década de 1990 que o festival ganhou os holofotes e passou a projetar Parintins para além das margens do Rio Amazonas. Mais do que uma disputa folclórica, virou vitrine da cultura amazônica, conectando diferentes territórios de identidade — como indígenas, ribeirinhos e quilombolas.

"É uma 'brincadeira' que acolhe outras culturas e abraça regionalismos e elementos globais na música, na dança e nas alegorias, mas sempre com o olhar voltado para as culturas originárias", explica o sociólogo e doutor em processos socio-culturais da Amazônia Wilson Nogueira. Para ele, o festival é uma invenção genuinamente parintense, que traduz a confluência de identidades culturais da Amazônia.